

Cadernos de estágio

Às flores da educação infantil: um relato de experiência

Samara Silva

Informações

1 samara_willianne@outlook.com

Como citar este texto

SILVA, S. . Às flores da educação infantil:: um relato de experiência . Cadernos de Estágio, v. 6, n. 3, 2024. DOI: [10.21680/2763-6488.2024v6n3ID38682](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2024v6n3ID38682).

Ao entrar na escola no primeiro dia do estágio na Educação Infantil, estando na condição de professora iniciante (ou com outro nome: estagiária), me deparei com sentimentos que há certo tempo não apareciam no decorrer do cursar dos diversos componentes curriculares da graduação. Nesse sentido, pude, com a experiência de estágio supervisionado, concordar com Pimenta e Lima (2004), ao dizer que o estágio é um susto diante da real condição das escolas e as contradições entre o escrito e o vivido, o dito pelos discursos oficiais e o que realmente acontece, somando-se ao desafio que é não conhecer as particularidades das crianças, o que acarreta em insegurança para iniciar essa relação.



Felicidade, tristeza, surpresa e vergonha me acompanharam durante as semanas em que estive dentro de um Colégio de Aplicação e, principalmente, dentro de uma sala de aula com crianças tão encantadoras, quanto desafiadoras. Indagações sem respostas, percepções que senti vergonha de expor, dúvidas, reflexões significativas guardadas em mim, mas algumas outras bem mais precipitadas, uma vez que até que ponto o estagiário, pergunta Pimenta e Lima (2004) tem elementos teóricos para construir uma reflexão crítica sobre as vivências do estágio?

Considerando essa indagação trazida do campo teórico do componente de Estágio, para a sala de aula na Educação Infantil, me dei conta de que era provável que as conclusões que eu mesma construí conforme os dias foram passando e o meu olhar foi ampliado - pois estava imersa naquela realidade - hoje serem ressignificadas por mim. Muitas foram as situações que transformaram algo já estabelecido no meu pensamento e, até mesmo, na minha recente prática, por isso, intitulei a situação principal deste relato com o título “Às flores da educação Infantil”.

Ao meu ver, mesmo que o compartilhar da experiência seja imprescindível durante a jornada docente, o outro pode corroborar para nosso exercício enquanto professor, pois o estágio possibilita aos alunos que ainda não exerceram o magistério aprendam com aqueles que pos-

suem experiência na atividade docente (Pimenta; Lima, 2004). Compreendo – a partir desta experiência de estágio – que a nossa própria vivência traz aprendizados significativos e particulares, que não só fomentam, mas nos constroem no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, todos os elementos que permeiam a ação educativa (sentimentos, pensamentos, intenções e comportamentos) ficam latentes na memória por carregarem um significado singular, intransferível, do que foi aprendido pelos sujeitos.

Apesar disso, no entanto, acredito ser importante ressaltar que o saber docente não é formado apenas da prática, embora este relato tenha a intenção de enaltecê-la e valorizá-la, é também nutrido pelas teorias da educação (Ghedin, 2004), e isso quer dizer que, embora haja uma relevância da prática para o exercício docente, o reconhecimento da contribuição teórica por parte do professor é fundamental, uma vez que é o meio pelo qual o campo de atuação se torna um objeto estudo, de pesquisa, investigação e reflexão.

Um ponto singular da minha experiência de estágio se inicia com a cena da aluna M.L (uma criança alegre, ativa, inteligente, olhos de jabuticaba, cabelos lisos e pele negra), na reação de não querer que uma colega entrasse na casa do parque, pegar um brinquedo e jogar, acertando em cheio a cabeça da T.A (meiga, inteligente, contadora de histórias,

138 cabelos cacheados, olhos de amêndoas, de pele branca e rosto arredondado). No momento, as professoras titulares e eu, ficamos paradas, aguardando as cenas do próximo capítulo. Como era de se esperar, a cena não demorou muito. Em menos de 30 segundos lá vinha T.A chorando pelo desentendimento, enquanto M.L ficou imóvel, aparentemente refletindo sobre sua própria reação ou, no mínimo, tentando compreender se reagiu da maneira mais dialógica. Fugindo do roteiro (uma vez que nos primeiros dias de estágio eu pude observar que, comumente, as professoras resolvem os desentendimentos dos educandos e não os estagiários), por estar mais perto, eu espontaneamente, reagi. Me levantei e disse “M.L, vem aqui por gentileza!”, meu tom de voz deixou claro que eu fiquei extremamente chateada com o que aconteceu. E, claro, ela percebeu. Assim que notou minha expressão, M.L começou um choro muito pior do que a T.A, e eu, despreparada com aquela situação, não consegui contornar, porque ela simplesmente não conseguia nem sequer me ouvir.

Vários sentimentos afloraram, minhas emoções estavam bagunçadas após ver M.L chorar copiosamente, pois, de fato, isso era a última coisa que eu queria. Reconheço que eu estava chateada pelo que ela tinha feito, mas minha intenção foi mediar aquela situação, não deixar a M.L extremamente abalada pela minha reação. Vejamos:

na percepção de M.L, o fato de eu com minha entonação demonstrar insatisfação, significava que algo de muito grave tinha acontecido, talvez ela cogitou que sofreria alguma punição (embora isso não seja a prática do ambiente escolar, nem minha), de modo que ficou desorganizada emocionalmente, além de super constrangida porque uma “estranha” chamou sua atenção. Ou uma “nova amiga”, como me percebi posteriormente.

Nesse momento, senti não lembrar das discussões teóricas. Senti perceber-me como alguém que precisaria agir, mas não sabia como. Me coloquei à disposição para resolver e não consegui. No entanto, conforme aponta Pimenta e Lima (2004, p. 97): “A discussão dessas experiências, de suas possibilidades, do porquê de darem certo ou não, configura o passo adiante à simples experiência. A mediação dos supervisores e das teorias possui papel importante nesse processo.”

Posto isso, acredito que embora frustração e vergonha resumissem a situação na minha perspectiva, este ocorrido também foi uma experiência que me trouxe a ótica de que é necessário bem mais que senso de justiça para mediar um conflito e aprender com ele. E que é imprescindível para atuação docente, que o olhar que faz perguntas, procura sentidos, aproxima (Silva, 2011, grifo meu), que se amplie a ponto de perceber, de notar todos os atores do cenário

educativo diante de situações complicadas e/ou inesperadas. E que é, principalmente, necessário entender que situações desagradáveis que trazem desconfortos, sendo mediadas, culminam em aprendizados para todos os envolvidos. Como de fato aconteceu.

A professora titular da turma observou minha tentativa, permitiu que eu fizesse a mediação, mas ao perceber o insucesso, me auxiliou. Conduziu reflexões junto à própria criança sobre o que tinha acontecido, sempre me olhando durante suas falas – talvez na expectativa de também me fazer refletir. Para endossar a reflexão, chamou, inclusive, a outra aluna (T.A) e elaboramos, todas, uma aprendizagem como resultado (positivo) daquela ação. Ao final do tempo no parque, antes de sairmos, por um motivo não tão aparente, mas essencialmente admirável, recebi um bolo de areia cheio de pequenas flores amarelas que a M.L fez para mim. Traduzi como uma continuidade da nossa história, uma mensagem sem palavras, um faz de conta para juntas sorrirmos. Uma ação atenciosa para me dizer que estava tudo bem.

Por vezes, a situação de disputa por brinquedos ou espaços na Educação Infantil faz parte da rotina das crianças (Buzinari, 2016) e essa aprendizagem tenha sentido real, apenas, para mim, como professora em formação. Ter percebido que agi com uma intenção, mas que não estava preparada, pois não co-

nhecia a criança o suficiente, não estava ambientada com situações de conflitos e suas possibilidades, me deixou receosa para lecionar na Educação Infantil. Por isso que refletir sobre a prática e não só isso, mas estar aberta para aprender com ela, tem um significado especial e singular, pois a educação exige que o professor tenha serenidade diante do caos, para lidar com os acontecimentos de uma rotina escolar, de modo que possamos carregá-los na bagagem da memória para viagem que é a docência. Entendendo que o aprender da profissão docente no decorrer do estágio supõe estar atento às particularidades e às interfaces da realidade escolar (Pimenta e Lima, 2004) e que cada situação nos torna mais capazes de conduzir ou mediar os conflitos de uma sala de aula.

Portanto, finalizo este relato acreditando que o campo de estágio supervisionado possibilita entendimentos, reflexões e conscientização, e que “A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (Freire; Shor, 2006, p. 30). Aspectos que são inerentes à carreira docente, mas, especialmente, ao perfil do professor; no professor que é capaz de coordenar a ação educativa; no educando como agente sujeito participante; na escola como currículo de cultura; e

na sala de aula como espaço de diálogo (Schram; Carvalho, 2024). Além disso, sendo o professor aquele que busca se aperfeiçoar, não faz isso em benefício próprio, mas que encontra nessa busca atingir seus alunos através de sua prática educativa. Nesse aspecto, o ato de ensinar requer um trabalho específico e reflexão mais ampla sobre a ação pedagógica (Pimenta e Lima, 2004), sendo um dos meios mais viáveis pelo qual, nós estudantes de graduação, acabamos tendo experiências que marcam a nossa vida.

Acredito que, momentos como esses, são definidores de nossos objetivos e desejos para o lecionar, para a educação em geral, em que não só crianças são aprendizes, mas todas as pessoas. Acredito ainda que é a prática, fundamentada pelas teorias, o meio pelo qual vislumbramos do arco-íris depois da tempestade que os conflitos podem causar. São elas que nos fazem perceber que, como docente, queremos chegar às flores da educação infantil. Um lugar de prazer, de sentimentos, de emoções e de recomeço.

Imagem 01 – O bolo com pequenas flores Amarelas



Fonte: arquivo da autora.

Referências

BUZINARI, Crislaine Augusta. Saberes profissionais de professoras de educação infantil: a mediação de conflitos entre crianças. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v. 8, n. 15, p. 75-90, jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/download/508/pdf/1509>. Acesso em: 18 out. 2024.

FREIRE, P.; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GHEDIN, Evandro. A Pesquisa como Eixo Interdisciplinar no Estágio e a Formação do Professor Pesquisador-Reflexivo. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, 7(2): 57-76, 2004. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1403>. Acesso em: 18 jun. 2024.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena Lima. Por que o estágio para quem não exerce o magistério: o aprender a profissão. In: PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena Lima. **Estágio e Docência**. São Paulo: Editora Cortez, 2004. p. 99 - 121.

SCHRAM, Sandra Cristina; CARVALHO, Marco Antonio Batista. O pensar educação em Paulo Freire: **para uma pedagogia de mudanças. para uma pedagogia de mudanças**. Disponível em:

<chrome-extension://efaidnbnmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SILVA, Adriana et al. **Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2011.